
Cultura e “degradação”: notas etnográficas sobre as rearticulações na região da Luz (SP) com o impacto da pandemia de Covid-19

Culture and "urban decay": ethnographic notes on the new relations in the Luz District (SP) after the impact of the Covid-19 pandemic

Julio Talhari e Mariana Hangai



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/13026>

DOI: 10.4000/pontourbe.13026

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 28 dezembro 2022

Referência eletrónica

Julio Talhari e Mariana Hangai, «Cultura e “degradação”: notas etnográficas sobre as rearticulações na região da Luz (SP) com o impacto da pandemia de Covid-19», *Ponto Urbe* [Online], 30 v.2 | 2022, posto online no dia 28 dezembro 2022, consultado o 29 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/13026> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.13026>

Este documento foi criado de forma automática no dia 29 dezembro 2022.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Cultura e “degradação”: notas etnográficas sobre as rearticulações na região da Luz (SP) com o impacto da pandemia de Covid-19

Culture and "urban decay": ethnographic notes on the new relations in the Luz District (SP) after the impact of the Covid-19 pandemic

Julio Talhari e Mariana Hangai

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em 11/11/2022 / Original Version 11/11/2022
Aceitação / Accepted 12/11/2022

Introdução

- 1 O objetivo deste texto é apresentar, ainda que sinteticamente, certo panorama etnográfico do centro da cidade de São Paulo, mais especificamente da região da Luz, em contexto reconfigurado após dois anos da pandemia de Covid-19 e de ações da polícia, mais uma vez, para desarticular a chamada cracolândia, que, embora se fixe em espaços da região, se caracteriza como uma *territorialidade itinerante* (FRÚGOLI JR.; SPAGGIARI, 2010; RUI, 2012). A região da Luz (São Paulo) – aqui entendida por uma área mais ampla que compreende, além da própria Luz, partes dos bairros de Campos Elíseos, Santa Ifigênia e Bom Retiro – é marcada, por um lado, por abrigar prédios históricos e instituições culturais importantes e, por outro, pela presença significativa de pessoas em situação de rua, bem como práticas de prostituição feminina e uma das mais conhecidas cenas de uso de crack do país.

- 2 O aspecto multifacetado da região, assim, pode ser sintetizado pelo tensionamento histórico entre imaginários distintos que ora entendem a região como polo cultural, ora a percebem como uma área degradada da cidade (TALHARI; SILVEIRA; PUCCINELLI, 2012). Alguns processos podem ser destacados para compreender tal configuração. Um deles remonta à década de 1940, quando foi criada uma zona de meretrício no Bom Retiro, dissolvida pela polícia anos depois, o que provocou o espalhamento da prostituição feminina por várias partes da região, como o Parque Jardim da Luz, a Estação da Luz e área conhecida posteriormente como Boca do Lixo, na Santa Ifigênia (SILVA, 2000). Como local que abrigava galpões para a incipiente indústria cinematográfica nacional, a chamada Boca do Lixo ficou amplamente conhecida pela ampla produção de filmes nos anos 1970 e 1980, bem como pela boemia que envolvia profissionais do cinema que frequentavam bares da região (ABREU, 2002).
- 3 Contribui para o imaginário de degradação o deslocamento das elites paulistanas para fora do centro histórico, inicialmente em direção ao bairro de Higienópolis e à avenida Paulista e posteriormente rumo às margens do rio Pinheiros (Jardins e Morumbi) e mesmo para regiões mais afastadas na região metropolitana, em condomínios fechados, como Alphaville (FRÚGOLI JR., 2006 [2000]; CALDEIRA, 2000). Com a saída desses habitantes de camadas mais altas do Centro houve a ampliação de moradias populares, como cortiços em antigos casarões de famílias abastadas. Essa “popularização”¹ de áreas outrora tidas como de elite foi acentuada com a instalação da rodoviária da Luz em momento de forte migração nordestina para o Sudeste. Muitos desses novos migrantes acabavam por se instalar inicialmente em hotéis próximos à rodoviária e algum tempo depois em cortiços nas redondezas.
- 4 Outro processo importante foi a identificação por parte do governo estadual, na década de 1980, de uma possível vocação cultural para a região da Luz em decorrência da existência de prédios históricos e instituições culturais. Essa visão produziu forte impacto em gestões posteriores, na década de 1990 e anos 2000, que tentaram transformar a Luz num polo cultural por meio da reforma de alguns prédios históricos para ampliação ou criação de instituições culturais (MEYER; IZZO JR., 1999; FRÚGOLI JR., 2006 [2000]; MOSQUEIRA, 2007; KARA-JOSÉ, 2007 e 2010). Nesse contexto, houve a reforma e ampliação da Pinacoteca de São Paulo (tanto a readequação do prédio original quanto a criação da Pinacoteca Estação em prédio compartilhado com o Memorial da Resistência), a reforma do Parque Jardim da Luz, a criação da Sala São Paulo na Estação Júlio Prestes e do Museu da Língua Portuguesa na Estação da Luz (TALHARI; SILVEIRA; PUCCINELLI, 2012). Tal esforço, por parte da administração pública, em constituir um polo mediante a instalação ou consolidação das chamadas “âncoras culturais” gerou desconfiças e críticas por ser uma possível tentativa de gentrificação pela cultura (KARA-JOSÉ, 2007 e 2010).
- 5 Apesar da presença de pessoas em vulnerabilidade social ser frequente na região há décadas, a pandemia de Covid-19 ensejou um agravamento da crise econômica no país, com aumento significativo de pessoas em situação de rua por toda a cidade, mas de maneira mais significativa no Centro, incluindo a região da Luz. O fechamento de vários estabelecimentos comerciais e outras instituições em momentos críticos da pandemia enfraqueceu estratégias e redes de solidariedade, que precisaram de nova articulação. No início de 2022 a cracolândia, especificamente, que havia anos se concentrava nas imediações da Estação Júlio Prestes, se deslocou de maneira aparentemente espontânea – por razões ainda não esclarecidas – para a praça Princesa Isabel. Tal deslocamento

ensejou ações policiais para desfazer essa nova concentração, o que provocou o espalhamento de usuários, ao redor de novos fluxos, para ruas adjacentes no sentido da avenida São João.

- 6 Essas mudanças na configuração populacional na Luz, com aumento de moradores de rua, e nas dinâmicas da chamada cracolândia passam a demandar rearticulações nos serviços de assistência social, seja via Estado, seja por meio de instituições e coletivos. As caminhadas etnográficas realizadas na região no primeiro semestre de 2022 puderam mapear brevemente essa nova situação e apreender os novos contornos das dinâmicas sociais ali existentes, como, por exemplo, uma renovada abordagem de redução de danos por meio de práticas culturais.

Caminhada na Luz: rearticulações pela cultura

- 7 Numa dessas caminhadas, iniciada numa manhã em maio de 2022, foi possível entrar em contato com alguns agentes da região e observar algumas práticas, bem como compreender mais detidamente algumas ações. Ao chegar à Estação da Luz, perto da saída para a praça de mesmo nome, destaca-se, para além do vai e vem de passageiros das linhas de trem e de metrô que cruzam esse importante entroncamento, a arquitetura do século XIX, com seu pé-direito alto e detalhes pouco comuns das estações contemporâneas, como lustres, colunas, janelões e placas de inauguração ou homenagem em bronze fundido que atestam a antiguidade da construção. A permanência por poucos minutos em seu hall permitiu a observação de dinâmicas que ultrapassam a compra de passagens e os trajetos de usuários dos trens da Companhia NAUPaulista de Trens Metropolitanos (CPTM) e do metrô.
- 8 Turistas, de passagem pela região ou a caminho das linhas do Expresso Turístico, tiravam selfies ou fotos da estação, especialmente tendo como fundo a gare, com sua estrutura metálica e tijolos aparentes; um ensaio fotográfico acontecia em espaço perto da bilheteria; mulheres profissionais do sexo conversavam entre si e abordavam possíveis clientes (geralmente homens que se detinham no local por algum tempo). A sociabilidade entre essas mulheres, que se fixam tradicionalmente na entrada do hall e na calçada voltada para a Praça da Luz (embora sua presença também seja verificada na entrada pela rua Mauá) chamava atenção. Em pequenos grupos, as mulheres por vezes se juntavam, mesmo que muito brevemente, em grupos maiores para brincadeiras ou conversas mais animadas, sobretudo quando alguma delas colocava música no celular. Por exemplo, houve certo agrupamento quando uma delas chegou com o celular tocando uma música dos anos 1980 que elas identificaram como sendo do Elton John. Os pequenos grupos de mulheres dispersos pela calçada se juntaram em torno da música até que a mulher com o celular deixou o local, no que se pôde ouvir uma frase em tom de lamento: “ah, o Elton John foi embora”.
- 9 Ao olhar para o lado oposto da estação, vê-se a entrada do Parque Jardim da Luz. Ali, perto do portão que dá acesso ao parque, outras prostitutas (em número menor) e alguns vendedores se misturam com moradores em situação de rua – que geralmente montam suas barracas tendo como apoio a mureta e o gradil que cerca o parque – não apenas pela disposição no espaço, mas também por meio de interações. Numa delas, uma mulher tentava cortar o cabelo de um rapaz, que às vezes se esquivava, o que gerava risadas dos vendedores. À distância, não era possível ouvir os comentários, mas dava para identificar tanto receio do rapaz em ter o cabelo cortado por alguém que

aparentemente não tinha muita experiência no ofício quanto sua contrariedade em ser a fonte das risadas.

- 10 Mais ao longe, na entrada do prédio original da Pinacoteca de São Paulo, a Pinacoteca Luz – assim nomeada para se diferenciar da Pinacoteca Estação (localizada no Largo General Osório) e da Pinacoteca Contemporânea (em construção nas antigas instalações da Escola Estadual Prudente de Moraes, dentro do Parque Jardim da Luz) – era visível uma movimentação de visitantes. Aproximando-se, via-se que se tratava de um grupo organizado por uma empresa de visitação, que naquele momento mantinha os integrantes do grupo em fila para a entrada no museu. No outro lado da rua, o Museu da Língua Portuguesa, instalado em parte do edifício da Estação da Luz – e reaberto em 2021, após grave incêndio que o destruiu em 2015 –, apresentava movimentação tranquila na sua entrada, algo típico para um dia de semana.
- 11 Entramos no Parque Jardim da Luz e caminhamos pelo trecho que ladeia a Pinacoteca. Mais adiante era possível notar algumas esculturas pertencentes ao museu entre a vegetação do parque. Assim como a Estação da Luz, o parque é um tradicional espaço de prostituição feminina, de modo que a presença de mulheres em busca de clientes era bastante notável naquele trecho, embora geralmente elas ficassem concentradas na alameda central. Intrigados por uma construção numa das extremidades do parque, ao lado do futuro edifício da Pinacoteca Contemporânea, seguimos por uma pequena alameda que nos levou até uma área com algumas instalações, entre elas banheiros públicos e uma casa que abriga a parte administrativa. Ali encontramos um funcionário e fizemos algumas perguntas sobre o parque, mas ele preferiu chamar o administrador para falar conosco.
- 12 Antônio assumira poucos meses antes a gestão do parque e se mostrou simpático e entusiasmado com a nova função. Contou um pouco sobre as dinâmicas cotidianas do equipamento – como a frequência de moradores do Bom Retiro, em especial membros da comunidade coreana – e demonstrou vontade em promover maior limpeza e organização do espaço. Comentou sobre o impacto das ações policiais na chamada *cracolândia*, que teria dispersado os usuários, muitos dos quais passaram a acampar no entorno. Segundo seu relato, eles causavam transtornos para a sua administração uma vez que entravam no parque para uso do banheiro sem, no entanto, zelar pelo local. Antes de prosseguir a caminhada para outras localidades da região, demos uma volta pelo parque e chamou atenção a presença significativa de homens, em geral acima dos 50 anos, reunidos em pequenos grupos para práticas diversas, como jogo de palitinho, dominó ou conversas informais.
- 13 Do parque seguimos pela Praça da Luz até a avenida Tiradentes, pela qual caminhamos brevemente até a rua Mauá, contornando a Estação da Luz. Esse trecho tem uma característica liminar, própria dos *pórticos* (MAGNANI, 2002, p. 23), isto é, “vazios na paisagem urbana”, espaços de passagem, fronteiros, que não se situam nem cá nem lá. Trata-se, com efeito, da borda de uma *mancha* formada por equipamentos culturais e de lazer presentes na região, geralmente instalados em prédios históricos de caráter monumental em estilo eclético, próprio da virada do século XIX para o século XX. De fato, a região é marcada por obras viárias e ferroviárias (como a avenida Tiradentes e as linhas de trem da CPTM) que provocam cortes no tecido urbano, de modo que a depender da relação das pessoas com aquele espaço há uma percepção de fragmentação ou divisão socioespacial². Entretanto, a existência de grandes instituições culturais, como a Pinacoteca de São Paulo (com suas duas unidades, Pinacoteca Luz e Pinacoteca

Estação)³, o Museu da Língua Portuguesa e a Sala São Paulo, constituem um conjunto monumental que formam a *mancha* mencionada. Pela rua Mauá prosseguimos margeando a Estação da Luz, passando por um casarão do século XIX que na parte debaixo abriga vários pontos comerciais; estes, contudo, em sua maioria, encontravam-se fechados (talvez um possível impacto da pandemia). No trecho da rua posterior à avenida Cásper Líbero, a presença de comércio em pleno funcionamento se intensifica.

- 14 Aproximando-se do cruzamento com a rua General Couto de Magalhães notamos a quase ausência de usuários de crack e outras drogas, que até março de 2022 costumavam ficar no trecho da rua Mauá perto do Largo General Osório, com concentração do chamado *fluxo* na rua Cleveland, em frente à Estação Júlio Prestes, mas certo espraiamento pelas imediações, como no começo da avenida Duque de Caxias⁴. Chamou atenção a presença de dois prédios novos⁵, ainda cercados por tapumes, numa das esquinas do cruzamento que atravessamos. Seguindo pela Couto de Magalhães, ao longo dos tapumes dessas novas edificações, chegamos numa área arborizada e cercada por um alambrado onde fica o Teatro de Contêiner Mungunzá. Achamos o portão entreaberto e resolvemos entrar para conversar com alguém que pudesse explicar sobre o espaço.
- 15 Encontramos Jaick, que, embora estivesse se preparando para almoçar com colegas numa mesa ao ar livre, se prontificou em nos mostrar o lugar, contando sobre seu processo de formação. Jaick é morador da Favela do Gato (próximo do Bom Retiro), trabalha como faxineiro no espaço e, como artista (rapper), se apresenta nos eventos de música que acontecem no teatro aos fins de semana. Ele nos mostrou o teatro montado, como o nome diz, numa estrutura de contêiner, com área para apresentação e sala multiuso. Disse que o espaço – um terreno público ocioso – foi ocupado em 2016 pela Cia. Mungunzá de Teatro, a princípio, com base numa cessão temporária por parte da prefeitura para a realização de um evento cultural, mas que desde o início a intenção era se estabelecer ali permanentemente para promover atividades culturais e sociais. Nesse sentido, o espaço é aberto a quem quiser entrar e conhecer, bem como utilizar de sua estrutura, como os banheiros (que é uma grande demanda de pessoas em situação de rua). Além disso, acolhe outros coletivos e grupos que atuam na região numa intersecção entre cultura, assistência social e redução de danos. Entre esses coletivos, estão de forma permanente no local ocupando outros contêineres o Coletivo Tem Sentimento, o Centro de Convivência É de Lei e o Birico Arte.
- 16 Jaick nos sugeriu procurar os responsáveis pelos outros coletivos para sabermos mais a respeito. Desse modo, circulamos pelo espaço e encontramos o pessoal do Coletivo Tem Sentimento. Um grupo de mulheres estava reunido do lado de fora do contêiner, conversando, tomando café e fumando cigarro. Quando nos aproximamos, nossa presença foi logo notada e uma das moças começou a brincar conosco, falando inglês, como se fôssemos turistas gringos. Era Danee Amorim, uma artista trans que é uma das representantes do coletivo em relações com outros grupos e instituições culturais da região (como o grupo de articulação de vizinhança liderado pelo Museu da Língua Portuguesa). Depois das brincadeiras, Danee explicou que o Tem Sentimento é um ateliê de costura com a finalidade de gerar renda para mulheres cis e trans da cracolândia. Na sequência, nos mostrou algumas camisetas que elas produziram para vender e nos levou para conhecer as instalações.
- 17 Fomos então até a oficina de costura onde as mulheres trabalhavam – inclusive Carmen, liderança do coletivo –, naquele momento, numa espécie de saco de dormir para as

peessoas em situação de rua do Centro. O clima era bem divertido e a todo momento elas faziam piadas entre elas e conosco. Segundo Danee, esses sacos possuem bolsos em que as pessoas podem colocar seus documentos e pertences importantes para que não os perca durante as violentas ações policiais. Ela nos relatou que o coletivo também atuou intensamente durante a pandemia com a distribuição de alimentos e outros recursos para as populações mais vulneráveis e que nas últimas semanas estava realizando uma série de ações de combate ao frio - naqueles dias a cidade enfrentava temperaturas muito baixas e uma série de coletivos e instituições estavam se mobilizando para auxiliar a população em situação de rua. Danne ainda falou sobre a situação da cracolândia e as recentes ações da polícia para dispersar o *fluxo*, que levaram diversas pessoas a vagar sem destino durante alguns dias pela região. Ela queria ainda nos apresentar ao pessoal do Birico, mas eles não estavam por ali, pois faziam uma ação no entorno.

- 18 Saímos dali rumo à Estação da Luz, onde casualmente nos deparamos com uma ação do Birico em parceria com o É de Lei, importante organização que atua na redução de danos junto a usuários de drogas. Na calçada da Estação da Luz, com o apoio do Museu da Língua Portuguesa, o pessoal do Birico oferecia uma oficina de desenho ao mesmo tempo em que o É de Lei fornecia protetores labiais para reduzir danos do consumo de crack e cocaína para usuários dessas drogas, bem como garrafinhas de água e preservativos para quem passasse pelo local, além de folders informativos. Conversamos com Átila, do Birico, que explicou o propósito do coletivo. Disse que participam da iniciativa cerca de 40 artistas surgida na pandemia com o intuito de gerar renda de forma colaborativa tanto para apoiar artistas em condições econômicas e sociais de vulnerabilidade quanto para ajudar situações emergenciais na cracolândia. Ressaltou que o coletivo é composto também por artistas que vivem em situação de rua e que frequentam a cracolândia, como é o caso do Índio Badarós. Recentemente, o coletivo expôs seu trabalho numa exposição no Sesc Bom Retiro, que, segundo ele, foi um momento inédito e muito especial, pois alguns membros do coletivo – principalmente aqueles que vivem em situação mais vulnerável – nunca haviam entrado ou frequentado qualquer instituição cultural da região, e agora estavam lá enquanto artistas.
- 19 Átila contou que trabalha no território desde 2014, quando atuava em um projeto chamado Casa Rodante, que realizava oficinas e intervenções artísticas no *fluxo* com fins de redução de danos. Atualmente, além do Birico, faz parte de outros coletivos, como o Pagode na Lata, que surgiu em 2017 com a articulação de ex-trabalhadores de instituições da região e promove rodas de samba, com a participação de frequentadores da cracolândia, tanto no contexto do *fluxo* quanto em outros espaços, como a Bar da Nice (localizado na rua General Osório) e em algumas instituições culturais da região central. Átila ressaltou que por meio desses encontros lúdicos e imersos em cultura, criam-se afetos e vínculos com as pessoas que estão no *fluxo*, sendo que alguns se envolvem de forma mais intensa e passam a gerar renda com a participação em eventos. Contou que mais recentemente o Pagode na Lata tem se apresentado em instituições como o Sesc Bom Retiro, o Museu da Energia, o Museu da Língua Portuguesa, entre outras. A cultura, nesse sentido, entra mais uma vez como uma importante ferramenta de redução de danos, que ganhou força nas articulações que se desenvolveram no contexto da pandemia. Enquanto conversávamos, vários pedestres e usuários de droga abordavam os agentes do É de Lei e do Birico para acesso aos

- materiais em distribuição. Passamos mais algum tempo observando o movimento e então decidimos fazer uma pausa para o almoço num restaurante próximo.
- 20 Após o almoço, retomamos a caminhada, dessa vez em direção ao outro lado da Praça da Luz. Um grande letreiro colorido, na entrada da rua José Paulino, delimitava que ali começava o bairro do Bom Retiro. A rua, que é nacionalmente conhecida pelo comércio de roupas, estava cheia de pessoas que circulavam com sacolas de compras e dividiram as calçadas com algumas barraquinhas de comércio ambulante. Caminhamos pelas lojas e conversamos com alguns vendedores, que relataram só frequentar a região por conta do trabalho e não usufruíam dos espaços de lazer da região central da cidade. Seguimos então até chegar na rua Três Rios, onde novos elementos começam a compor a paisagem: a circulação de pessoas é menos intensa; os prédios residenciais são antigos, com poucos andares e comércio embaixo. Vimos alguns estabelecimentos fechados com placas de aluguel na fachada e imaginamos ser um reflexo da pandemia. Começamos a observar alguns restaurantes coreanos, principalmente, mas também de outras nacionalidades – o bairro é reconhecido por ter recebido diversos grupos de imigrantes ao longo de sua história (TRUZZI, 2001).
- 21 Logo chegamos à Oficina Cultural Oswald Andrade, sediada num edifício histórico, que chama atenção de quem passa na rua. O acesso é por um jardim, onde alguns grupos de jovens conversavam sentados em bancos. Ao entrar no edifício, pudemos ver a programação exibida em cartazes e *flyers*, que conta com uma série de oficinas e apresentações de música, teatro e dança. No pátio interno, observamos mais jovens, alguns conversando e outros estudando em mesas. Ao lado havia um simpático café, onde algumas pessoas almoçavam. Retomamos a caminhada pela rua Três Rios, passamos por um tradicional colégio da região e adentramos rapidamente num grande supermercado coreano, que tinha em sua porta uma faixa que dizia “bem-vindo” em diversas línguas.
- 22 Em frente, na outra calçada, está a Casa do Povo, um prédio antigo, de arquitetura modernista, com uma fachada de grandes portas e janelas de vidro. Alguns cartazes identificavam o espaço e o acesso estava livre. Sua escadaria fazia as vezes de biblioteca, com vários livros para quem quisesse sentar e ler. O saguão tinha alguns sabonetes e xampus à venda, produzidos na própria casa. De longe um segurança falou para ficarmos à vontade. A Casa do Povo é um centro cultural criado pela comunidade judaica e tem o vínculo com o bairro e com suas comunidades como um dos eixos norteadores de suas ações. O prédio é habitado por grupos, movimentos e coletivos, sendo muitos deles do próprio território, como é o caso do coletivo Mulheres da Luz, que realiza uma oficina de produção de sabão caseiro para geração de renda. Havíamos combinado, com antecedência, de encontrar Mayara, que trabalha na Casa como coordenadora de programas sociais e tem como função a articulação e mobilização com atores do entorno. Ela se dispôs a caminhar pelo bairro conosco naquele dia.
- 23 Mayara já estava nos aguardando e disse para ficarmos à vontade e caso quiséssemos tomar um café poderíamos usar a cozinha comunitária para fazê-lo. Após nos apresentarmos já saímos em caminhada. Ela ressaltou que gostaria de mostrar que o Bom Retiro é um espaço marcado pela multiplicidade, não apenas étnica, mas também nas formas de viver e habitar o bairro. Saímos da Casa do Povo e viramos na rua Correia de Melo. Ao atravessarmos a rua Guarani, notamos em destaque uma construção que parecia um shopping, com arquitetura espelhada e lojas da Burger King e Pizza Hut. Mayara comentou que se tratava da Ksquare, de iniciativa da comunidade sul-coreana

local, uma entre outras tentativas de transformação do bairro numa *koreatown*. Mencionou como exemplo o fato de o cônsul sul-coreano ter agido, recentemente, por meio de influência política, para tentar mudar o nome da estação de metrô Tiradentes a fim de fazer menção à comunidade coreana local⁶. De acordo com Mayara, essa é uma das ações identificadas por ela como de caráter “soft power”, com o objetivo de apagar as referências a outras comunidades presentes historicamente no bairro, como judeus, italianos e, mais recentemente, latino-americanos, que caracterizam o Bom Retiro, há décadas, pela convivência de uma multiplicidade de etnias. Haveria, portanto, uma disputa de imaginários, potencializada pelo poder político-econômico coreano, com o intuito de vincular a identidade do bairro a uma única comunidade.

- 24 Seguimos pela rua Joaquim Murtinho e durante o trajeto Mayara cumprimentou várias pessoas, que estavam nas calçadas ou dentro de alguns estabelecimentos comerciais. Segundo ela, a Casa do Povo sempre teve como uma das suas principais diretrizes o relacionamento com o entorno, mas foi durante a pandemia que a instituição decidiu contratá-la como responsável por articular essas relações de forma cotidiana, o que resultou em diversas ações de apoio às populações vulneráveis nos momentos mais críticos e que permanecem até hoje. Mayara ressaltou que essas parcerias com as comunidades que habitam o bairro foram fortalecidas pelo contato mais próximo e cotidiano, como uma relação de vizinhança. A Casa do Povo, de acordo com ela, não tem a intenção de oferecer serviços, mas de construir coletivamente projetos e parcerias. Ela comentou que, inclusive, no último ano várias instituições e coletivos da região têm se reunido para discutir e articular ações no território no Encontro com Vizinhos, promovido pelo Museu da Língua Portuguesa.
- 25 Próximo à rua Mamoré, a paisagem urbana se mostrou bastante distinta daquela verificada nas imediações da Casa do Povo, com menor atividade comercial e movimentação de pedestres bem reduzida. Destacavam-se alguns prédios comerciais fechados, galpões e pequenas residências. Viramos à esquerda pela rua Mamoré e notamos novos empreendimentos residenciais em meio a imóveis antigos, o que nos fez comentar sobre a possível especulação imobiliária que parece crescente nessa parte. Mayara conectou com o processo similar já existente na Barra Funda e que começa a se expandir para o Bom Retiro. Mas nos mostrou várias residências habitadas por pessoas de baixa renda naquele trecho e apontou que mais adiante ficava a Favela do Gato. Ao longo do percurso, já em direção à avenida Tiradentes, sinalizou e comentou a existência de várias pensões, oferecendo um panorama mais amplo das formas de habitar e da constituição social da região.
- 26 Já se aproximava das 18 horas quando nos despedimos de Mayara e retornamos, já cansados do longo dia de caminhada, em direção à Estação da Luz.

27 **Algumas considerações**

- 28 Como relatado, ao se caminhar pelo território da Luz e adjacências é possível entrar em contato com uma série de dinâmicas e situações. Em um trajeto relativamente curto pode-se observar desde a presença das profissionais do sexo na Estação e Parque Jardim da Luz, onde também estão localizados o Museu da Língua Portuguesa e a Pinacoteca Luz, a usuários dos sistemas públicos de transporte e passantes em geral, para citar alguns. O Parque, por exemplo, é frequentado por diversos públicos, que ocupam seus espaços com múltiplos usos: os homens idosos que jogam dominó, conversam nos bancos ou procuram as profissionais do sexo; os membros da comunidade coreana que se reúnem todas as manhãs para jogar badminton; já suas calçadas estão ocupadas por

barracas e pessoas em situação de rua. Na rua Mauá é possível ver, de um lado, a Sala São Paulo, a Pinacoteca Estação e o Memorial da Resistência; do outro uma das principais ocupações habitacionais da cidade, a Ocupação Mauá, e bem próximo o espaço do Teatro de Contêiner, da Cia Mungunzá. Ao redor da avenida Tiradentes pode-se observar uma mancha de instituições da Polícia Militar, onde também está situado o Museu de Arte Sacra.

- 29 Os museus e instituições culturais da região, em sua maioria instalados em prédios históricos de caráter monumental, se inserem nessa trama complexa como mais um elemento de contraste. Se por um lado, a região é marcada pelo tensionamento histórico entre imaginários distintos como polo cultural e como uma área degradada da cidade; por outro, as novas articulações estabelecidas ao longo da pandemia reforçaram um entendimento da cultura e da arte enquanto estratégia de redução de danos – já presentes anteriormente no território, mas que ganham ainda mais sentido no novo contexto. Essas estratégias que emanam principalmente de coletivos que já atuam na região há tempos e passam mais recentemente a penetrar em instituições culturais de grande porte desconstruem, de certa forma, a suposta tensão entre cultura e “degradação” presente no território.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Nuno Cesar Pereira de. **Boca do Lixo: cinema e classes populares**. 808f. Tese (Doutorado em Multimeios) – Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.
- FRÚGOLI JR., Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Edusp, 2006 [2000].
- FRÚGOLI JR., Heitor.; SKLAIR, Jessica. **O bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da gentrification**. Cuadernos de Antropología Social nº 30, FFyL, Universidad de Buenos Aires, Dec., 2009.
- FRÚGOLI JR., Heitor.; SPAGGIARI, Enrico. **Da cracolândia aos noias: percursos etnográficos no bairro da Luz**. Ponto Urbe 6 – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana, Universidade de São Paulo, 2010.
- KARA-JOSÉ, Beatriz. **Políticas culturais e negócios urbanos: a instrumentalização da cultura na revalorização do centro de São Paulo (1975-2000)**. São Paulo: Annablume, 2007.
- KARA-JOSÉ, Beatriz. **A popularização do centro de São Paulo: um estudo de transformações ocorridas nos últimos 20 anos**. 264f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- MAGNANI, José Guilherme C. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MARINS, Paulo. C. G. **Um lugar para as elites: os Campos Elísios de Glette e Nothmann no imaginário urbano de São Paulo**. In: Lanna, A. L. D.; Peixoto, F. A.; Lira, J. T. C.; Sampaio, M. R. A. de (orgs.). São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2011, p. 209-244.

MEYER, R.; IZZO JR., A. **Polo Luz: Sala São Paulo, cultura e urbanismo**. São Paulo: Terceiro Nome, 1999.

MOSQUEIRA, Tatiana M. **Reabilitação da região da Luz – Centro histórico de São Paulo: Projetos urbanos e estratégias de intervenção**. 192f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

RUI, Taniele. **Corpos abjetos: etnografia em cenário de uso e comércio de crack**. 355F. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2012.

SILVA, Selma L. **Mulheres da Luz: uma etnografia dos usos e preservação no uso do crack**. 115f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

TALHARI, Julio; SILVEIRA, Laís; PUCCINELLI, Bruno. **Reflexões em torno de práticas culturais na Luz**. Ponto Urbe 11 – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana, Universidade de São Paulo, 2012.

TRUZZI, Oswaldo. **Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo**. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 28, vol. 2, p. 143-166, 2001.

NOTAS

1. A ideia de “popularização” de bairros centrais em São Paulo tem sido rejeitada por alguns pesquisadores nos últimos anos, já que áreas como a Luz são marcadas historicamente por usos populares (FRÚGOLI JR.; SKLAIR, 2009), sendo que mesmo bairros tidos como de elite em sua concepção, como o Campos Elíseos, desde o início foram caracterizados por uso misto (MARINS, 2011). Portanto, os eventos trazidos aqui dizem respeito ao movimento de abandono das regiões centrais e o aumento da população de baixa renda (que já estava nessas áreas), mas não a substituição de um grupo por outro.

2. Em geral, pessoas inseridas em redes de relações na região tendem a não ver ou relativizar essa divisão ou fragmentação. No entanto, aqueles menos habituados com aquela espacialidade ou com uma relação bastante específica (por exemplo, relação de trabalho sem vínculo com o entorno) frequentemente têm uma percepção afetada por um olhar aéreo, típico dos mapas, atualmente muito presentes em aplicativos.

3. A Pinacoteca Estação compartilha com o Memorial da Resistência o edifício que entre 1942 e 1983 foi ocupado pelo Departamento de Ordem Política e Social (Deops). Como mencionado, está em construção, com inauguração prevista para dezembro de 2022, o terceiro prédio da instituição na região, a Pinacoteca Contemporânea.

4. Sobre o deslocamento da chamada cracolândia nesse período, ver, por exemplo: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/03/22/vizinhos->

[da-cracolandia-vivem-liberdade-mas-venda-de-droga-segue-em-praca.htm](#)>. Acesso em: 2 nov. 2022.

5. Em consulta posterior na internet verificamos que se trata do Complexo Mauá, parte de uma Parceria Público-Privada (PPP) de habitação de interesse social. Já havíamos notado em caminhadas anteriores um conjunto habitacional similar próximo dali: o Complexo Júlio Prestes. Ver: <www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/habitacao/noticias/?p=309067>. Acesso em: 2 nov. 2022.

6. Em ação similar àquela realizada pela comunidade japonesa no bairro da Liberdade, que conseguiu mudar, em 2018, nome da então Estação Liberdade para Estação Japão-Liberdade.

RESUMOS

O presente trabalho aborda as novas articulações que entrelaçam imaginários distintos sobre cultura e “degradação” na região da Luz, centro de São Paulo, a partir da pandemia de Covid-19. Com base em algumas caminhadas pela região no primeiro semestre de 2022, foram verificados novos arranjos envolvendo diferentes atores para o enfrentamento dos efeitos da pandemia e das ações policiais nessa parte da cidade. Nessa reconfiguração, várias ações vêm sendo realizadas articulando instituições da cultura, saúde e assistência social, bem como coletivos de artistas e iniciativas de geração de renda e redução de danos.

The present work addresses the new relations that intertwine different imaginaries about culture and "urban decay" in the Luz District, São Paulo city center, as a consequence of the Covid-19 pandemic. Based on walks around the region in the first half of 2022, we verified new arrangements organized by different actors to face the effects of the pandemic and police actions in this part of the city. In this reconfiguration, several actions connected institutions of culture, health, and social assistance, as well as artists' collectives and initiatives to promote income generation and harm reduction.

ÍNDICE

Palavras-chave: luz, ações culturais, redução de danos, pandemia de covid-19, imaginário urbano

Keywords: Luz District, cultural actions, harm reduction initiatives, Covid-19 pandemic, urban imaginary

AUTORES

JULIO TALHARI

Doutorando em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS-USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0601-2486>

MARIANA HANGAI

Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Pesquisadora associada ao Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6717-5388>